

O PAPEL DO PROFESSOR NA APRENDIZAGEM DO SUPERDOTADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o papel do professor como alguém necessário na trajetória do desenvolvimento do aluno com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) no contexto escolar, oferecendo ricas possibilidades de crescimento. Isto implica no reconhecimento e na valorização das características e comportamentos destes alunos os quais necessitam da intervenção de professores e educadores para desenvolverem suas potencialidades e exercerem sua cidadania.

Schiller (1990, p. 26), em uma de suas cartas, expõe que a educação deve preparar o sujeito para a liberdade ética. Assim, por meio do pensamento e da reflexão, o aluno deve ser preparado para escolher caminhos, a desenvolver critérios para ser capaz de assumir sua cidadania. Mas para exercê-la é preciso conhecimento. O conhecimento não é reprodução, deve ser construído, atividade na qual o sujeito vai se modificando e se enriquecendo durante o processo de desenvolvimento.

Contrário ao que muitos pensam, o aluno com AH/SD também necessita da mediação do outro para ter acesso à bagagem cultural promovida pela educação formal. Precisa se nutrir deste conhecimento, com maior intensidade e profundidade, tendo o espaço escolar como referencial.

Dentre outras características, este alunado apresenta pensamento rápido e eficaz, extraordinária memória, grande facilidade de estabelecer relações e é potencialmente mais produtivo, necessitando de um atendimento especializado para que suas melhores possibilidades sejam trabalhadas e exploradas. Considerando suas necessidades educacionais especiais, este sujeito também faz parte do alunado da Educação Especial. Segundo a definição que consta nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, os alunos com Altas Habilidades/Superdotação apresentam

grande facilidade de aprendizagem que os levem a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos devem receber desafios suplementares em classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir, em

Para Renzulli e Reis (1997), a superdotação é manifestada pela interação de três conjuntos de traços marcantes: habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade. A habilidade acima da média pode ser geral ou específica. A habilidade geral refere-se aos altos níveis do pensamento abstrato, raciocínio verbal e numérico, relações espaciais, memória e fluência verbal, bem como à capacidade de se adaptar às novas situações. A habilidade específica consiste na aplicação de diversas combinações das habilidades gerais a uma ou mais áreas do conhecimento especializado ou áreas de desempenho humano. O comprometimento com a tarefa caracteriza-se pela demonstração de níveis elevados de interesse e envolvimento num contexto particular, área de estudo ou forma de expressão; além disso, engloba traços marcantes de perseverança. A criatividade diz respeito à fluência, flexibilidade e originalidade do pensamento, curiosidade, estando o indivíduo aberto ao novo e diferente, disposto a correr riscos no pensamento e na ação.

Este sujeito, no entanto, não difere de seus colegas quanto ao gênero ou condição social.

Esta população sempre esteve presente nos bancos escolares. No entanto, pesquisadores brasileiros (GUENTHER, 2006; RECH e FREITAS, 2006; PÉREZ, 2003; ALENCAR e FLEITH, 2001; VIRGOLIM, 1997) indicam que apesar dos avanços nos estudos da área, a problemática de mitos e idéias preconceituosas presentes em nosso meio constituem-se em uma das dificuldades na identificação e no atendimento às necessidades educacionais dos alunos com altas habilidades/superdotação. Muitos deles passaram e passam despercebidos pelos professores. Pérez (2008, p. 1) aponta que pesquisas têm constatado a “quase-invisibilidade de alunos com altas habilidades na sala de aula, dentro de suas próprias famílias e, inclusive, para eles próprios”. Para prover o desenvolvimento deste alunado especial é preciso oportunizar espaços para o desenvolvimento de habilidades tanto acadêmicas, psicomotoras ou psicossociais, devendo constar no projeto educacional da escola como um todo. Assim, quando se trabalha em parceria com os demais colegas, gestores e equipe pedagógica na busca de informações e subsídios para atender as demandas do superdotado, toda a escola se beneficiará nesta produção de saberes e fazeres.

Há muito o que aprender para trabalhar com esse tipo tão especial de alunos, harmonizar o seu projeto educacional, integrando o que acontece na sala de aula com o que ela estiver vivendo como experiência educativa fora da escola, e assim tornar esse período de infância e adolescência o mais proveitoso possível para a formação pessoal e o desenvolvimento máximo da capacidade e potencial de cada criança sob nossa responsabilidade (FREEMAN & GUENTHER, 2000, p. 20).

Sabe-se que dentre as opções de trabalho para responder às necessidades pedagógicas do aluno com habilidade superior, seja na área intelectual ou artística, está o enriquecimento curricular. Segundo Virgolim (2007, p. 63), o “enriquecimento é a opção mais encorajada entre os serviços educacionais oferecidos pelos programas especializados em vários países, inclusive no Brasil”. Este atendimento educacional beneficia a todos os alunos, mas em particular o aluno superdotado que terá oportunidades para praticar o pensamento crítico e criativo e poderá desenvolver suas

habilidades superiores. Pode ser viabilizado no contexto da sala de aula ou em programas de enriquecimento oferecidos pela escola ou comunidade.

Muitas são as formas que um programa de enriquecimento pode tomar. Para alguns, ele implica completar em menos tempo o conteúdo proposto, permitindo, assim, a inclusão de novas unidades de estudo. Para outros, ele implica uma investigação mais ampla a respeito dos tópicos que estão sendo ensinados, utilizando o aluno um maior número de fontes de informação para dominar e conhecer uma determinada matéria. Para outros, o enriquecimento consiste em solicitar ao aluno o desenvolvimento de projetos originais em determinadas áreas de conhecimento. Ele pode ser levado a efeito tanto na própria sala de aula como através de atividades extracurriculares (ALENCAR; FLEITH, 2001, p. 133).

Apresenta-se a seguir um relato de experiência envolvendo um grupo de alunos com Altas Habilidades/Superdotação, no intuito de explicitar a importância da figura do educador no desenvolvimento das potencialidades deste alunado.

Materiais e Método

Contexto: A seguir será apresentada uma prática pedagógica junto ao Grupo de Literatura, desenvolvidas na Sala de Recursos para Altas Habilidades/Superdotação. Trata-se de um dos grupos de enriquecimento extracurricular, inserido em uma escola pública estadual, no período do contraturno. Os grupos de enriquecimento desta sala de recursos são constituídos a partir do interesse dos alunos e de suas áreas de destaque, podendo ser organizados em: grupos de pesquisa (investigação de problemas da vida real), estudos (leituras avançadas ou aprofundadas sobre um tema), oficinas (relação teoria-prática) e atividades psicopedagógicas (relações inter e intrapessoais). Os mesmos acontecem em parceria com instituições de ensino superior e especialistas da área em questão (pais e ou profissionais da comunidade).

Participantes: Na primeira e segunda fases do desenvolvimento da prática pedagógica, participaram os onze alunos integrantes do Grupo de Literatura, sendo 7 (sete) do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino, situando-se na faixa etária de doze a dezesseis anos. Na terceira fase, participaram três alunas do referido Grupo, que neste trabalho receberão nomes fictícios para preservação de suas identidades. Trata-se de três irmãs: Bia, com 16 anos; Dora e Elza (gêmeas), com 12 anos.

Instrumentos: Foram utilizados softwares próprios para a produção literária, oficinas de produção, portfólio.

Procedimentos: Na primeira fase da prática pedagógica, dentre outras atividades que foram desenvolvidas no Grupo de Literatura, destacam-se os estudos realizados sobre os mitos da escola a partir do interesse demonstrado pelos participantes deste grupo de enriquecimento. Enquanto sujeitos aprendentes, foram orientados pela professora na realização da pesquisa a partir dos documentos que dispunham (livros, fotografias, arquivos, planta baixa da escola). Aprenderam também como organizar e aplicar roteiros de entrevistas. Nesta etapa colaboraram funcionários, professores ativos e aposentados contando histórias cercadas de mistérios e que fazem parte do

folclore deste estabelecimento de ensino centenário. Os alunos tiveram a iniciativa de planejar um acantonamento na escola para investigarem os fenômenos pesquisados; registraram todas as informações e decidiram produzir seus próprios contos.

Na seqüência, na segunda fase, iniciou-se outro processo, o da produção do livro de contos, constituindo-se no produto que materializava a idéia do grupo. A partir de então, os alunos e a professora precisaram buscar recursos na comunidade, foram atrás de orientações de um artista gráfico que lhes subsidiou com uma oficina de produção na qual trezentos livros foram feitos artesanalmente. Os alunos aprenderam a planificar e gerenciar suas tarefas e seu tempo por meio de organização e divisão de atribuições, utilizando a sistematização de escalas de trabalho. Manejaram o uso de softwares próprios para a produção literária e *feedback* realizado junto ao especialista da área para constante avaliação do processo. Este movimento do Grupo de Literatura resultou no livro que foi intitulado “Contos pra não dormir” e foi socializado com a comunidade em 2006.

Esta experiência foi como uma mola impulsionadora para Bia, Dora e Elza, alunas integrantes do Grupo de Literatura. Nesta fase emergiu um trabalho caracterizado pelo alto nível de desempenho e produtividade criativa destas três alunas. A partir da experiência na produção do livro de contos, sentiram-se encorajadas a produzirem seu próprio livro (terceira fase). Resgataram as criações que foram escritas na sala de recursos, as quais encontram-se registradas no portfólio individual. Criações que estavam guardadas nas gavetas de suas casas também foram utilizadas. Uma das alunas, Bia, conta que, a partir do aprendizado anterior começou, por iniciativa própria, a formatação do material nas horas livres. O livro, praticamente formatado, foi mostrado à professora do Grupo de Literatura em agosto de 2007, no intuito de compartilhar um trabalho pessoal. A boa receptividade da professora e demais colegas diante da produção incentivou-as na decisão de publicar seus escritos. No período de agosto a dezembro de 2007, desenvolveu-se o processo de revisão, montagem da capa, escolha das pessoas para apresentarem e prefaciarem a obra, busca de patrocínio na comunidade para a edição gráfica e data para lançamento do livro. Cabe destacar que todo o processo foi gerenciado pelas três alunas. Nesta etapa as professoras foram co-participantes de um produto autêntico, original e criativo que se concretizou em poesias, contos e haicais.

Resultados e Discussão

A prática pedagógica desenvolvida com os alunos teve como resultado a iniciação dos mesmos no processo de produção e publicação de uma obra literária, oferecendo sua contribuição ao desenvolvimento e avanço da literatura juvenil. Também chamou a atenção de professores e gestores para as necessidades educacionais dos alunos com altas habilidades/superdotação. Em 2006, onze alunos elaboraram e publicaram o livro “Contos para não dormir”. Em 2008, três alunas do referido grupo galgaram novos patamares publicando o próprio livro, intitulado “Cinza: as duas faces da vida”. Fizeram o lançamento em uma livraria na cidade de Curitiba e posteriormente divulgaram em eventos locais e nacionais.

A participação da professora, como o outro que organizou com intencionalidade o percurso dos alunos do Grupo de Literatura, possibilitou a interação e o avanço das alunas integrantes do grupo, com os objetos de conhecimento presentes na cultura literária. A atividade foi envolvida pelo investimento e esforço de outros sujeitos neste processo de apropriação do sentimento de competência. Nas palavras de Rocha (2005, p. 35), o processo de desenvolvimento do sujeito está “inextricavelmente ligado às relações sociais em que se insere”. Tratando do processo de internalização, comenta que:

No jogo das inter-relações, o sujeito gradualmente incorpora, como seus, os recursos usados por sua cultura; internalizando-os, modifica seus processos psicológicos, podendo estruturá-los de maneira qualitativamente diferente. Os instrumentos e a palavra, que operam nas relações interpessoais, passam a ser dominados e manejados pelo sujeito de forma mais independente, adquirindo a capacidade de regular seu próprio comportamento e seus próprios processos psicológicos (ROCHA, 2005, p. 35 – 36).

Renzulli, citado por Alencar (2001, p.137), comenta que os grupos de enriquecimento oportunizam, a todos os alunos envolvidos, situações de aprendizagem “[...] desafiadoras, auto-seletivas e baseadas em problemas reais, além de favorecer o conhecimento avançado em uma área específica, estimular o desenvolvimento de habilidades superiores de pensamento e encorajar a aplicação destas em situações criativas e produtivas”. Foi o que aconteceu na experiência vivenciada pelas participantes da pesquisa. Assim sendo, no grupo de enriquecimento a professora foi além do ensinar o conteúdo ou prover a base necessária. Foi aquela que encorajou as três alunas a avançarem, a irem além do conhecimento elementar, para aprofundar e fazer surgir novas idéias.

Desta forma, um dos requisitos necessários ao professor é não parar no tempo. Precisa fazer de sua vida um cultivo, atualizar-se, articular o conhecimento com a realidade. Não precisa ser superdotado ou perito em todas as áreas do currículo. É preciso alta competência na área em que ensina para que possa conduzir as investigações. Mas, sobretudo ser flexível e aberto a novas experiências.

Não parece ser necessário que o professor de crianças bem-dotadas seja, ele mesmo, uma pessoa excepcionalmente capaz, mas é evidente que ele deve demonstrar e cultivar interesse por esse tipo de trabalho, alargar sua visão sobre a problemática da dotação e talento humano, esclarecer sua própria posição e valores em relação à área, e sobretudo aprender, estudar, adquirir o conhecimento necessário para melhor se desincumbir de sua tarefa (FREEMAN & GUENTHER, 2000, p.147).

Para trabalhar com este alunado é preciso estar motivado. É se encantar por aquilo que faz. É ter o que Renzulli chama de “romance com a disciplina”. Sobre isto, Alencar (2007) comenta:

O professor é considerado o componente mais importante. Aqueles que contribuem de forma mais efetiva para o desenvolvimento de habilidades criativas de seus alunos caracterizam-se pelo domínio da disciplina sob sua responsabilidade, grande entusiasmo e mesmo paixão pela sua área de

conhecimento (denominado “romance com a disciplina” pelo autor), além do uso de práticas pedagógicas diversificadas em sala de aula, utilizando, por exemplo, discussão em grupo, aulas expositivas, estudos dirigidos,

jogos e exercícios, filmes para ilustrar tópicos abordados e outras estratégias que ajudam a despertar e assegurar o interesse do aluno pelo conteúdo ministrado (ALENCAR, 2007, p.22).

Sabe-se que não é por razões de sentimentalismo, mas pelo cultivo da sensibilidade que se fomenta o desenvolvimento cognitivo dos alunos. No caso, as alunas participantes foram afetadas positivamente pela figura da professora. Quando isto não ocorre, dificulta-se o envolvimento no que está sendo trabalhado, podendo acarretar em poucos incentivos para desenvolver o pensamento.

Não é suficiente, pois, dizer que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte também em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado e eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento (SCHILLER, 1990, p.51).

Foi um trabalho que contou com a cooperação de cada aluno envolvido neste processo. Neste Grupo de Literatura, proporcionou-se um aprendizado através da empatia e do diálogo para gerenciarem as idéias individuais, o que contribuiu para a descentração do pensamento do aluno. Vale acrescentar a citação de Chakur (2005, p. 294) de que Piaget tratou diversas vezes sobre o trabalho em equipe, como uma “ocasião propícia para a troca de opiniões e de pontos de vista, fundamental na superação do egocentrismo infantil, além de revelar-se uma experiência prazerosa.”

O presente trabalho procurou destacar a relevância do papel do professor como alguém potencialmente necessário na trajetória do desenvolvimento do aluno com Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar. Para tanto é preciso superar a falta de informação e de mitos presentes na sociedade em relação às pessoas com AH/SD, pois as mesmas constituem-se em barreiras que dificultam a identificação, o reconhecimento e a valorização deste alunado especial. Ao reconhecer e incentivar o potencial do aluno com AHSD, o professor se permitirá ir além da aparência e superficialidade dos temas e conteúdos a serem abordados. Este processo começa desde a Educação Infantil. Partindo-se do que as crianças pequenas já trazem de seu cotidiano, é necessário ensiná-la a interpretar os fenômenos à luz do conhecimento formal. Continuar a repetir o que ela já sabe pelo discurso do senso comum não nutrirá sua fome de saber.

Assim como os demais indivíduos, o sujeito com AH/SD também necessita do convívio com seus pares para serem trabalhados seu conhecimento real e potencial, seus “pontos fortes e fracos”, ou seja, aquilo que já domina e no qual pode avançar independentemente e outras situações pelas quais, provocado por desafios de outrem (professor, colegas), o faz buscar novas aprendizagens.

Neste contexto, professor e alunos saem enriquecidos e fortalecidos na direção de novos patamares. O registro desta experiência vivenciada numa prática de literatura, desenvolvida junto aos alunos superdotados mostrou que, parafraseando a escritora mirim Elza (12 anos), as “palavras são bem mais do que letras agrupadas. São coisas que merecem ser amadas. Palavras ditas. Palavras escritas. Palavras são nossa alma”.